

Criar com outras espécies: vozes mais que humanas na escrita de Marília Floôr Kosby

Creating With Other Species: More-Than-Human Voices in the Writing of Marília Floôr Kosby

Rafaela Scardino

Universidade Federal do Espírito (UFES)

Vitória | ES | BR

rafaelascardino123@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6025-1026>

Resumo: Este artigo propõe uma leitura da obra *Mugido [ou diário de uma doula]* (2017), da autora gaúcha Marília Floôr Kosby em diálogo com a noção de escuta política, de Anna Tsing (2015) e com o convite de Donna Haraway (2016) para “ficar com o problema”, aprendendo a viver e morrer com todos os seres num presente denso e complexo. Buscando analisar novas relações de cooperação e comunidade para além dos limites da espécie, a discussão parte da análise dos comuns, desenvolvida por Silvia Federici (2018), e identifica, nos diversos encontros entre mulheres e vacas, que marcam o poemário de Kosby, uma proposta de construção de formas de vida marcadas pelo que David Graeber (2011) denominou “comunismo de base”, “matéria-prima da sociabilidade”.

Palavras-chave: poesia brasileira contemporânea; mundos multiespécies; escuta política.

Abstract: This article proposes a reading of the work *Mugido [or diary of a doula]* (2017), by Brazilian author, Marília Floôr Kosby, in dialogue with Anna Tsing's notion of political listening (2015) and with Donna Haraway's invitation to “stay with the trouble” (2016), learning to live and die with all beings in a dense and complex present. Seeking to analyze new relations of cooperation and community beyond the limits of species, the discussion draws on the analysis of the commons developed by Silvia Federici (2018), and identifies, in the various encounters between women and cows that mark Kosby's poetry, a proposal for constructing forms of life shaped by what David Graeber (2011) called “baseline communism,” the “raw material of sociability.”

Keywords: contemporary brazilian poetry; multispecies worlds; political listening.



1 Introdução

O volume *Mugido [ou diário de uma doula]*, publicado em 2017 pela poeta gaúcha Marília Floôr Kosby, apresenta mundos multiespecíficos que não se restringem ao comentário poético sobre os encontros entre um “eu” humano e um “outro” animal marcados pela distância e pela hierarquia. Antes, convoca-nos ao “êxodo / de uma tal condição / humana” (Kosby, 2017, p. 11), instaurando um regime de leitura que nos demanda abrir mão de nosso antropocentrismo.

Marília Floôr Kosby (1984) é antropóloga e professora universitária. Nascida em Arroio Grande, extremo sul do país, teve sua vida marcada pela intensa convivência com animais não-humanos, especialmente o gado. Filha de um veterinário, o trabalho como ajudante do pai, ou “doula de vacas”, que vivenciou durante sua formação foi fundamental para a escrita do livro (Kosby, 2019), que conta com um relato em prosa, similar a um diário de campo, que vai entrecortando os poemas e pode ser lido como complemento ou contraponto aos textos em verso.

Num volume em que a reflexão lírica sobre a vida, a morte, a comida e o feminino é invadida pela narrativa do parto de um “terneirinho” natimorto, há muitas vozes (e muito mais que vozes humanas) que nos chamam a traduzir o mugido. A tradução solicitada pela autora implica entrar em relação com um outro ente, mais-que-humano, que nos imponha a desarticulação, numa comunicação sempre imprevista, porém profusa de significados, buscando horizontes para um bem viver e um morrer com dignidade (Haraway, 2019), em face da imersão em teias de existências interdependentes, mas, ainda assim, singulares.

Para tanto, é preciso construir formas de sociabilidade, humana e mais-que-humana, que aceitem o convívio tanto com a indeterminação da vida quanto com a inevitabilidade da morte, sem se furtar à responsabilidade própria da participação em “paisagens perturbadas” (Tsing, 2019). A poesia de Kosby nos permite vislumbrar relações cooperativas que se opõe à captura de todas as nossas relações pela “forma-mercadoria” (Federici, 2018, p. 308). Caminhando em direção a mundos ainda por construir, a obra permite imaginar vidas mutuamente interdependentes (Graeber, 2011) e implicadas na construção de laços mutuamente implicados, que nos alertam para o fato de que a produção de nossas vidas acaba por se tornar – num mundo de produção alienada e hierarquizante – a produção da morte de outros, humanos e não-humanos.

2 Prestando atenção ao mugido

Começo com a leitura do primeiro poema do livro:

mmmmmm

mais ou menos que um livro,
isto é um êxodo
de uma tal condição
humana

o mugido foi a ação escolhida para essa desarticulação
parem para ver uma vaca mugir
já nem digo ouvir

ouvir é difícil, o mugido de uma vaca
parem para ver e procurem a próxima nota
em que a palavra daria
aquela melodia
aquele esforço todo
de guela, olho, bucho, língua, rúmen

que fecunda epifania valeria
aquele esforço todo?

traduzam
o mugido
(Kosby, 2017, p. 11)

E, a partir do chamado ao êxodo, à atenção, à tradução, me sinto convocada a repensar meus modos de ler (e ouvir) os poemas e o mundo. Em seu livro *The mushroom at the end of the world*, a antropóloga Anna Tsing nos diz que

Ouvir politicamente é detectar os traços de projetos ainda não articulados. *Como, por exemplo, devemos criar relações em comum com outros seres vivos?* Ouvir já não é suficiente; outras formas de atenção terão que ser colocadas em cena (Tsing, 2015, p. 254, grifo meu, tradução própria)¹

É preciso, então, encontrar as relações comuns onde não estamos acostumadas a procurá-las, onde não esperamos encontrá-las. Abrir os comuns e a comunidade não apenas a outros semelhantes a nós (seja na aparência, seja nos afetos), mas a tudo o que existe, pois só podemos viver (habitar) um mundo que é, desde sempre, em comum. Um planeta que não privilegia esta ou aquela espécie, este ou aquele ente, mas que nos coloca em relação (muitas vezes, em relações conflituosas e antagônicas) como tudo o que existe – ainda que, como nos lembra Donna Haraway (2019, p. 61), se tudo o que existe está conectado a algo, nada está conectado a tudo. É preciso, portanto, prestar atenção e buscar compreender os comuns que estabelecem relações conosco, mais do que tentar recriar ou reproduzir comuns imaginários que são, na verdade, uma violência à heterogeneidade do que nos cerca. De acordo com Tsing, os comuns resistem à institucionalização pois se movem “nos interstícios da lei” (“in law’s interstices”). Resistem à homogeneização e ao reducionismo tantas vezes buscado pelo clamor moderno-capitalista. Assim, para encontrá-los, precisaremos ouvir politicamente e prestar atenção ao que coexiste conosco.

Tsing, assim como outras autoras e autores (Agamben, 1993; Nancy, 2016; Federici, 2018), nos lembra que os comuns não podem nos redimir – e, aqui, seria interessante parar e pensar a respeito das noções de comunidade que conduziram a política dominante pelo menos desde o século XIX, uma política que igualava comum a homogêneo. Peter Pál Pelbart, na obra *Vida Capital*, comenta a apropriação nazista da ideia de comunidade num “desejo de fusão unitária [que] pressupõe a pureza unitária”, uma fusão comunal que apagaria as diferenças e, em sua busca por uniformidade, conduz à morte (2003, p. 33). Os comuns que busco a partir da leitura de Kosby não nos indicam um futuro utópico ou messiânico, mas fazem parte

¹ To listen politically is to detect the traces of not-yet-articulated agendas. *How, for example, shall we make common cause with other living beings?* Listening is no longer enough; other forms of awareness will have to kick in.

do que vivemos aqui e agora, no meio do problema (Haraway, 2019). E nós nunca estamos totalmente no controle.²

Então, como ouvir politicamente, como prestar atenção aos comuns que não correspondem ao que esperamos deles, que não se ofertam como bênçãos, mas que simplesmente existem? Tsing nos indica o que denomina “arts of noticing”,³ as artes de prestar atenção. A poesia nos pede o mesmo: que prestemos atenção aos textos sem buscar encontrar neles a confirmação daquilo que já sabemos, mas uma escuta atenta cuja reverberação – ou ressonância, para utilizar o termo de Jean-Luc Nancy (2014) – envolva todo o corpo, todo o sentir.

Assim, recebemos um chamado: *ver* o mugido da vaca. Como “ouvir é difícil” (Kosby, 2017, p. 11), é preciso que mais sentidos (corporais e semânticos) estejam presentes nesta relação. Assim como a vaca, que engaja “guelá, olho, bucho, língua, rúmen” (Kosby, 2017, p. 11), também nós, leitoras e leitores, devemos engajar-nos em novos modos de produção de sentidos, aceitando o êxodo e a desarticulação proposta pela obra. Por isso, o esforço do mugir é apresentado como “fecunda epifania” (Kosby, 2017, p. 11): é aquilo que se manifesta, que se dá a ver e nos pede que o vejamos. Precisaremos renunciar a uma suposta excepcionalidade humana, permitindo uma nova configuração corporal, que corresponda a uma nova percepção discursiva. Este primeiro poema instaura um sujeito leitor “desarticulado”, fora de si, em um trânsito multiespecífico que não corresponde, de forma alguma, a qualquer retorno a um mundo de comunhão idílica entre os seres humanos e não humanos, mas que demonstra que, em nosso mundo baseado em sistemas de dominação, reducionismo e expropriação, “os laços comunitários ainda são fortes” (Federici, 2018, p. 315).

O segundo poema do livro realiza a desarticulação proposta no primeiro, e nos exige o esquecimento dos *logos*:

esquece palavra
nome
esquece coragem
bosta
o metrô cardíaco
cágado
etrangortátedo
blasferosmênico
corestiandrômedo

vivió em Mendoza
[...]

perde a língua
reio fúmizo losco
a língua
oringomilengua
torbuco eligra
faz-me toda tua pena

² Um excursus que se demonstra imperativo é a reflexão a respeito do Sars-CoV-2, que leva a noção de comum ao seu limite. Diante desse novo ente, estamos todos em relação: uma relação de fragilidade e precariedade, que nos exige que lidemos com o problema e nos lembra a todo o momento que não temos controle total das consequências de nossas ações – especialmente aquelas que insistem em ignorar as relações e a materialidade de nossa vida no planeta.

³ Em *Viver nas ruínas* (2019), os tradutores brasileiros optam pela tradução “artes de observar”.

pierme
epidermeiederme
entre uma e outra
[...]
(Kosby, 2017, p. 13)

Do esquecimento da palavra à habitação do espaço-entre, vemos a corporificação do poema. Do “mmmmmm” da vaca, materialidade sonora que prenuncia a desarticulação da poeta, chegamos à construção de uma língua que desarticula as fronteiras nacionais (entre o português e o espanhol) e corporais (“epidermeiederme”). O poema, com sua disposição espacial, nos chama, também, a *ver* as palavras, tentar pronunciá-las num esforço “de guela, olho, bucho, língua, rúmen” e, finalmente, esforçarmo-nos por traduzi-las. A impossibilidade de compreendê-las – se nos ativermos a uma concepção *lógica* de compreensão – nos prepara para a difícil tarefa de traduzir o mugido.

3 É possível traduzir o mugido?

A indeterminação é parte da criação de novos mundos, novos comuns, novas relações. Aprender a amar as indeterminações, como coloca Tsing (2019, p. 60), nos pede o exercício de um “amor multiespecífico”. E exercitar este amor nos solicita que, como no posfácio de Angélica Freitas ao livro de Kosby, busquemos formas de não trair a vaca:

2.
Uma vaca faz um baita esforço para mugir.
Como se traduz “muuuu?”
Como se faz para não trair, mais uma vez, a vaca?
(Freitas *In*: Kosby, 2017, p. 107)

O modo como vivemos, tomando o mundo e os demais seres vivos como recurso, nos faz trair a vaca uma e outra vez. Para deixar de fazê-lo, precisaremos abrir-nos à desarticulação proposta por Kosby em seu livro, uma desarticulação que nos coloca diante do viver e do morrer, do matar e do comer. A relação entre a alimentação e a morte fica explícita no poema abaixo, sem título:

[...]
matar uma vaca
não é
uma coisa simples
requer um tiro
certo
alto calibre
o ponto preciso longe
no meio da testa
dois cavalos três
ou quatro homens
um guri
quem sabe uma mulher

carnear uma vaca
exige sangrá-la
até a última gota
para que a carne não termine preta

sangrar uma vaca
é para exímios

comer uma vaca porém
(Kosby, 2017, p. 29-30, grifo meu)

Comer uma vaca não nos exige nenhum esforço: podemos transformá-lo na experiência asséptica de um hambúrguer ultraprocessado numa cadeia internacional de fast-food situada na praça de alimentação de um shopping center. Podemos comer uma vaca sem atentar para os saberes, as linguagens, a materialidade da vida e da morte. Podemos reduzir a vaca a picanha, acém, patinho – desarticulamos o corpo da vaca, para não precisarmos desarticular nossa relação com este ser, e menos ainda nossa relação com sua morte. Comer uma vaca não nos exige a tradução do mugido, não exige nenhum esforço de escuta. Mas como, então, não trair a vaca?

Uma saída possível está em ouvir – ouvir com todo o corpo, ouvir o que ainda não foi articulado – fazer ressoar, permitir afetar-mos, construir mundos com todas as fêmeas de outras espécies, esses seres geradores de vida.

Como já mencionado na introdução, o livro de Kosby é atravessado por trechos em prosa, organizados numa narrativa: o “diário de uma doula”. Neste diário, a voz poética, atuando como ajudante do pai veterinário, é chamada a uma propriedade para realizar o parto de um bezerrinho natimorto e salvar a vaca. Ao chegar, chama atenção a proximidade entre os muitos animais não-humanos, quase todos soltos no quintal, e a casa e os seres humanos que a habitam. Uma mulher está deitada junto à vaca, para que não a sacrifiquem: Jaqueline, esposa do estancieiro, mãe de um menino, é quem cuida de todos os animais – humanos e não-humanos – do sítio. Profundamente envolvida com as vidas que se agitam em seu entorno, “não comia carne para não ter que matar as galinhas” (Kosby, 2017, p. 31). Jaqueline se desarticula, renuncia à excepcionalidade humana e se rearticula como parte de um “amor multiespecífico”:

Entre as tentativas de encontrar o melhor ângulo para retirar o terneirinho, meu irmão, o guri e seu pai tentavam convencer Jaqueline de que a morte da vaca não seria uma grande perda: “não é a mesma coisa que perder um pai, um avô, que a gente lembra para o resto da vida, fica lá no cemitério”, “bicho é bicho”. [...] Jaqueline repete: “pra mim não tem diferença! Os bichos estão tudo na volta. Eles sabem quando eu chego, me conhecem, sabem o meu cheiro. Sou eu que dou comida. Não tem diferença nenhuma!” [...] (Kosby, 2017, p. 71).

Identificando-se às fêmeas de outras espécies, Jaqueline não vê diferença entre sua dor e a dor da vaca:

Quando eu fui ganhar o Jefferson, eu não tive dilatação. Foi uma luta pra ele nascer. Eu quase morri”. Deitada sobre a vaca, Jaqueline desconfiava até do veterinário. O pai me conta depois que isso é comum de acontecer: “A Deise, lá da figueirinha, se torcia toda, quando eu fazia a injeção nos bichos parecia que era nela que estava fazendo (Kosby, 2017, p. 81).

Relegadas à condição de humano-menos-que-humano, as mulheres muitas vezes sentem mais próximas dos seres não humanos reduzidos a corpos, carne, aparelho reprodutor. Nas dores e alegrias de quem gera vida, um amor multiespecífico prolifera entre essas fêmeas inespecíficas. Nestas novas relações amorosas, criam-se parentescos inesperados, como os que propõe Donna Haraway em seu livro *Staying with the trouble*, ao afirmar que sua (nossa) tarefa é:

fazer parentes em linhas de conexão engenhosas como uma prática de aprender a viver e morrer bem, de maneira recíproca, em um presente denso. Nossa tarefa é gerar problemas e suscitar respostas potentes a acontecimentos devastadores, bem como aquietar águas turbulentas e reconstruir lugares tranquilos. (Haraway, 2016, p. 01, tradução própria).⁴

A “paz” não pode ser um projeto para o futuro, que aprende com o passado e modela o presente. Haraway nos chama a pensar fora de uma noção progressiva (progressista) de tempo, fora de uma noção teleológica. Ficar com o problema é habitar o presente; não o presente como ponte entre um passado horrível e um futuro utópico, mas como o tempo de nosso viver e morrer. Neste “presente denso”, a pensadora nos convoca a “viver-com e morrer-com de maneira recíproca e vigorosa”⁵ (Haraway, 2016, p. 02, tradução própria), pois

ficar com o problema requer a criação de parentescos estranhos; o que significa que nos necessitamos reciprocamente em colaborações e combinações inesperadas [...]. Nos tornamos-com de maneira recíproca ou não nos tornamos em absoluto (Haraway, 2016, p. 04, tradução própria).⁶

Isso significa estabelecer relações cooperativas com seres de outras espécies, reconhecendo, como o faz Jaqueline, o comum que demarca nossas dores, mas também nossos prazeres – o antropólogo David Graeber destaca que há um “comunismo dos sentidos na base da maioria das coisas o que consideramos divertidas”⁷ (2011, p. 75, tradução própria).

Ficar com o problema é ir além do diagnóstico de nossas mazelas; é enfrentá-lo como o território da potência criativa a partir do qual imaginar novas relações, novas formas de produção de sentidos. É ainda, nos diz Haraway, aceitar traduções parciais e falidas. Retomando o primeiro poema do livro de Kosby, ficar com o problema é não renunciar à difícil tarefa de tradução do mugido, mesmo com a consciência de que será inevitavelmente parcial e, portanto, falida. É empenhar todo o corpo numa relação que, a princípio, sabe-se que não corresponderá à utopia do encontro idílico, mas que não se furta às dificuldades – e também às alegrias – da “criação de parentescos estranhos”.

A pensadora estadunidense repete, durante todo o livro, as seguintes frases:

⁴ “to make kin in lines of inventive connection as a practice of learning to live and die well with each other in a thick present. Our task is to make trouble, to stir up potent response to devastating events, as well as to settle troubled waters and rebuild quiet places.”

⁵ “Living-with and dying-with each other potently”.

⁶ “Staying with the trouble requires making oddkin; that is, we require each other in unexpected collaborations and combinations [...]. We become-with each other or not at all”.

⁷ “There is a certain communism of the senses at the root of most things we consider fun”.

Importa que pensamentos pensam pensamentos. Importa que conhecimentos conhecem conhecimentos. Importa que relações relacionam relações. Importa que mundos mundam mundos. Importa que histórias contam histórias (Haraway, 2016, p. 35, tradução própria).⁸

Se estamos de acordo com tais proposições, entendemos por que “o mugido foi a ação escolhida para essa desarticulação”, pois é preciso acolher a materialidade de um pensar não humano para podermos desarticular os pensamentos que fundamentam nossa crença na separatividade e excepcionalidade humanas. É necessário cultivar a materialidade das relações, os saberes e os mundos mais que humanos para que possamos exercitar um amor multiespecífico que encontre os comuns e as “combinações inesperadas” num mundo em ruínas.

As partes de uma relação, nos lembra Haraway, não preexistem à relação. Isso nos leva a “buscar reaprender a conjugar mundos com conexões parciais, não com ideias universais nem particulares”⁹ (Haraway, 2016, p. 13, tradução própria). Assim, recusamos uma suposta inocência e abraçamos nossa “responsabilidade”, ou seja, nossa habilidade de responder às relações de reciprocidade em que existimos. A “responsabilidade”, diz a autora, é “sobre a ausência e a presença, sobre matar e criar, viver e morrer, assim como recordar quem vive, quem morre *e de que maneiras*”¹⁰ (Haraway, 2016, p. 28, grifo meu, tradução própria) nas complexas relações multiepécies que estabelecemos. Haraway pensa um mundo que se cria simpoeticamente, ou seja, se cria sempre em associações, em relação, e não se completa, já que necessita das “linhas de vida” (Tsing, 2015) que se traçam entre os muitos seres.

4 Criando comuns a partir do mugido

No debate à esquerda (feminista ou não), os comuns vêm ocupando um espaço cada vez maior, porque são vistos como uma alternativa ao modelo estatal de revolução e, diante dos “novos encerramentos” (*new enclosures*), como a privatização da água e das sementes, passamos a valorizar as propriedades e relações comunais. “Os novos cercamentos”, escreve Silvia Federici, “demonstraram que não só os comuns não desapareceram, mas que novas formas de cooperação social estão sendo produzidas constantemente” (2018, p. 305). Os comuns são uma alternativa ao Estado e à propriedade privada – e também ao mercado. Além disso, funcionam como “um conceito unificador que prefigura a sociedade cooperativa que a esquerda radical está lutando para criar” (Federici, 2018, p. 305).

Sob o pretexto de proteger os “comuns globais”, o banco Mundial e congêneres vêm se apropriando de áreas florestais nos países do “sul” e expulsando as populações locais. O capital também entendeu que a mercantilização de todas as esferas da vida “é um projeto não apenas irrealizável como também indesejável do ponto de vista da reprodução a longo prazo do sistema” (Federici, 2018, p. 308), pois o mercado “depende da existência de relações não monetárias, como a confiança, credibilidade e doação” (Federici, 2018, p. 308). Utilizando

⁸ “It matters what thoughts think thoughts. It matters what knowledges know knowledges. It matters what relations relate relations. It matters what worlds world worlds. It matters what stories tell stories”.

⁹ “Like all offspring of colonizing and imperial histories, I – we – have to relearn how to conjugate worlds with partial connections and not universals and particulars”.

¹⁰ “Response-ability is about both absence and presence, killing and nurturing, living and dying—and remembering who lives and who dies and how”.

a polêmica palavra “comunismo” para congregar tais relações, o antropólogo David Graeber (2011) chama a atenção para o fato de que as relações comunais, presentes em nosso cotidiano, são a *realização* de um ideal (muitas vezes entendido como utópico) de propriedade comum e organização comunal da relação entre pessoas e destas com o seu entorno (vivente e não-vivente). Nossos prazeres são, em sua maioria, comunais: nos divertimos, nos amamos e produzimos afetos em relações comunitárias. Mas, mesmo no capitalismo, a cooperação espontânea – uma das formas do comunismo cotidiano – é, para o autor, fundamental para que possamos realizar as atividades com rapidez e eficiência, sejam tais atividades de ordem pessoal, como o cuidado com a casa, ou profissional, como trabalho em equipe.

O comunismo de base pode ser considerado a matéria-prima da sociabilidade, o reconhecimento da nossa interdependência mútua, que é a substância mesma da paz social. [...] A sociologia do comunismo cotidiano é um campo potencialmente enorme, mas, devido a nossos peculiares vieses ideológicos, parecemos incapazes de descrevê-lo porque, em grande parte, fomos incapazes de vê-lo. (Graeber, 2011, p. 75-76)¹¹

Parte das relações comuns que fomos (e ainda somos) incapazes de ver são aquelas que se estendem para além de nossa espécie. O livro de Marília Floôr Kosby, ao propor um êxodo de nossa condição humana através da desarticulação do mugido, nos abre aos comuns que podemos criar com outras espécies, sempre a partir da “responsabilidade” de um viver e morrer com, em que os contornos e as separações são a todo tempo questionados, convocando-nos à criação de mundos comuns.

De acordo com Federici, “os comuns têm sido o fio que conectou a história da luta de classes até o nosso tempo, e de fato a luta pelos comuns está ao nosso redor” (Federici, 2018, p. 309). A autora destaca que as mulheres sempre foram grandes defensoras dos comuns, desde o começo dos cercamentos capitalistas e afirma que

[a] produção de comuns demanda, primeiro, uma transformação profunda em nossa vida cotidiana, tentando reverter o distanciamento entre a produção e a reprodução e o consumo [que] nos leva a ignorar as condições sobre as quais os que comemos ou vestimos, ou aquilo com que trabalhamos, foi produzido, seu custo ambiental e social. (Federici, 2018, p. 316)

Se aceitarmos a desarticulação proposta por Kosby, abandonando o antropocentrismo, estaremos mais próximas de produzir a nós mesmas como sujeitos comuns, pois, ainda segundo Federici:

Nenhum comum é possível a menos que nos recusemos a basear nossa vida e nossa reprodução no sofrimento dos outros. [...] De fato, se a ideia de tornar comum tem algum sentido, deve ser a produção de nós mesmos como um sujeito comum. [...] *Estamos falando de uma comunidade como uma qualidade de relações, um princípio de cooperação e responsabilidade: uns com os outros, com a terra, com a floresta, os mares, os animais.* (Federici, 2018, p. 317, grifos meus)

¹¹ “Baseline communism might be considered the raw material of sociality, a recognition of our ultimate interdependence that is the ultimate substance of social peace. [...] The sociology of everyday communism is a potentially enormous field, but one which, owing to our peculiar ideological blinkers, we have been unable to write about because we have been largely unable to see it.”

Kosby, ao nos solicitar a tradução do mugido, também nos joga na relação com o não-humano (a vaca, claro, mas também a redução do feminino ao corpo e, assim, ao estado de natureza – somos todas fêmeas de uma outra espécie):

bodoque

sou eu toda
um tímpano
só
— não sois vós?

[...]

o cão ouve
muitas vezes mais
do que o ser humano

sou eu toda um tímpano só
debaixo da cama
em noite de foguetes

eu toda um tímpano só
me confundo com o mundo

silencia e
poupa as pedras
do teu bodoque
(Kosby, 2017, p. 21)

Assim, recusando a separação que é hierarquização (e opressão), a voz poética de *Mugido*, afirma um comum que extrapola o humano, numa escuta atenta, com todo o corpo, ao mundo multiespécies que habitamos – e que só é favorável à vida de nossa espécie *porque* multiespecífico. Não há diferença entre o eu, o “vós” e o cão que “ouve / muitas vezes mais / que o ser humano”. Diante de um presente denso, marcado pela extinção em massa, pela apropriação e exploração de corpos humanos e não-humanos, precisamos ser todas e todos “um tímpano só”, confundindo-nos com o mundo.

Refêrências

AGAMBEN, G. *A comunidade que vem*. Antônio Guerreiro (Trad.). Lisboa: Editorial Presença, 1993.

FEDERICI, S. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2018.

GRAEBER, D. *Debt: The First 5.000 years*. New York: Melville House Publishing, 2011.

HARAWAY, D. *Staying With the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016.

- KOSBY, M. F. “Mulheres, vacas e partos nas pecuárias do Extremo Sul do Brasil: relações transespecíficas a partir do encontro entre Antropologia e epistemologias feministas”. *Tessituras*, v. 7, n. 1, p. 93-105, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/14551>. Acesso em: 11 fev. 2026.
- KOSBY, M. F. *Mugido [ou diário de uma doula]*. Rio de Janeiro: Garupa, 2017.
- NANCY, J. L. *À escuta*. Fernanda Bernardo (Trad.). Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2014.
- NANCY, J. L. *A comunidade inoperada*. Soraya Guimarães Hoepfner (Trad.). Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.
- PELBART, P. P. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- TSING, A. *The Mushroom at the End of the World: on the Possibility of Life in Capitalist Ruins*. Princeton University Press, 2015.
- TSING, A. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.